

Mediatização esportiva: a singularidade enunciativa dos colunistas

Tostão e Juca Kfourri revitaliza a mediação jornalística com os protestos nas ruas

Gilson Luiz Piber da Silva¹

Resumo

O artigo busca descrever as marcas enunciativas das colunas esportivas do jornal Folha de São Paulo assinadas pelos colunistas Tostão e Juca Kfourri durante a Copa das Confederações de Futebol. O torneio ocorreu em cinco cidades do Brasil, de 15 a 30 de junho de 2013, e foi marcado também por protestos nas ruas, principalmente contra a realização da Copa do Mundo no país em 2014. A singularidade enunciativa de Tostão e Kfourri foi permeada pelas manifestações externas e revitalizou a mediação jornalística. O campo jornalístico não ficou restrito ao acontecimento esportivo, já que questões sociais, políticas e econômicas ganharam espaço nas colunas publicadas de uma forma direta e contundente.

Palavras-chave:

Mediatização. Enunciação. Mediação. Colunas esportivas. Colunistas.

1 Introdução

A Copa das Confederações de Futebol, realizada de 15 a 30 de junho de 2013, não foi um evento meramente esportivo no Brasil, um ano antes da Copa do Mundo de 2014. A tônica do torneio organizado pela Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa), com apoio da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e Comitê Organizador Local (COL) da Copa de 2014, extrapolou a disputa em campo e movimentou as ruas de Brasília (DF), Fortaleza (CE), Belo Horizonte (MG), Rio de Janeiro (RJ) e São Lourenço da Mata (PE), as cinco cidades que sediaram os jogos das

¹ Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Jornalista, radialista e professor do curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano – Unifra

oito seleções participantes. Protestos e manifestações ocorreram, principalmente antes dos jogos do Brasil, contra os gastos para sediar a Copa de 2014 e por mais investimentos em saúde, educação e segurança pública. A própria presidente Dilma Rousseff foi vaiada por torcedores presentes no Estádio Mané Garrincha, em Brasília, durante pronunciamento na abertura oficial do torneio. Tais acontecimentos ultrapassaram as fronteiras dos campos sociais, ganharam espaço nas colunas dos jornais e foram além das meras observações esportivas dos colunistas. As manifestações também foram inseridas nas colunas escritas por Tostão e Juca Kfourri no jornal Folha de São Paulo porque a amplitude das problemáticas de campo foi tão singular, que tomou conta da narratividade de ambos. O extra Copa do Mundo de 2014 misturou-se com o próprio acontecimento esportivo, ou seja, a Copa das Confederações, e mexeu na processualidade dos campos sociais. A narratividade dos sentidos fronteiriços abriu passagem para que a discursividade sobre a temática penetrasse em outros campos sociais, através dos dois enunciadores-colunistas.

No universo da mediação esportiva, os colunistas esportivos desempenham papel importante no espaço de discussão dos temas da área, principalmente os ligados ao futebol e à Seleção Brasileira. Porém, durante a Copa das Confederações, questões políticas, sociais e econômicas ganharam relevo nas colunas esportivas diante das manifestações ocorridas também fora dos estádios que abrigavam os jogos. Com os protestos nas ruas contra a realização da Copa do Mundo no Brasil, o que estava fora foi colocado dentro das colunas por Tostão e Juca Kfourri. Houve um modo diferente de fazer isso, por meio de um trabalho interpretativo mais complexo dos dois colunistas, com opinião, contundência e enunciação reflexiva.

Os colunistas esportivos, no caso Tostão e Juca Kfourri, também atuam socialmente e podem escolher os detalhes significativos para dado ambiente de encenação específico à manutenção da relação com o público. Eles objetivam manter a consistência de suas ações e as combinam de acordo com a ocasião. Isso se fundamenta no processo de interação com os demais protagonistas e com os diversos públicos estabelecidos.

Tostão é o apelido do ex-jogador de futebol campeão mundial pelo Brasil na Copa de 1970 e médico Eduardo Gonçalves de Andrade, que nasceu em Belo Horizonte (MG), no dia 25 de janeiro de 1947. A vida de colunista esportivo começou em 1996,

no Jornal Estado de Minas. Em 1997, lançou o livro “Lembranças, Opiniões, Reflexões sobre Futebol”, pela Editora DBA. Atualmente, escreve duas colunas semanais para mais de uma dezena de jornais brasileiros, entre eles a Folha de São Paulo.

O paulistano José Carlos Amaral Kfourri, o Juca Kfourri, nasceu em 4 de março de 1950, é jornalista e tem formação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Já dirigiu as revistas Placar e Playboy, além de ter sido comentarista esportivo do SBT e da Rede Globo. Participou do programa Cartão Verde, da Rede Cultura, e comandou o Bola na Rede, na RedeTV. Apresentou o programa de entrevistas na rede CNT, Juca Kfourri ao vivo, e atualmente está na ESPN-Brasil. Como colunista de futebol, atuou em “O Globo” e no Diário Lance! Entre 1995 e 1999, foi colunista do jornal Folha de São Paulo, para onde voltou em 2005 e está atualmente. Escreve às segundas, quintas e domingos na versão impressa de "Esporte" do Jornal Folha de São Paulo.

O artigo busca descrever as marcas enunciativas, através das estratégias discursivas que se manifestam nas colunas de Tostão e Kfourri publicadas no Jornal Folha de São Paulo durante a Copa das Confederações de Futebol, em meio aos protestos ocorridos nas ruas, principalmente contra a realização da Copa do Mundo no país em 2014. A dupla vai além das questões técnicas e táticas do jogo de futebol em si nas colunas escritas. Traz, para dentro das colunas, o que está fora e revitaliza uma mediação jornalística com ação reflexiva nos leitores dos materiais. No caso, as manifestações ocorridas nas ruas são inseridas nos textos redigidos por ambos e geram um novo fato enunciativo que transforma a mediação jornalística.

A ação das operações enunciativas transforma a mediação jornalística, sendo que as colunas manifestam tal questão na cobertura da Copa das Confederações de 2013 e, logicamente, na própria cobertura da Copa do Mundo de 2014. Assim, o problema proposto é o seguinte: quais são as marcas enunciativas usadas por Tostão e Juca Kfourri em suas colunas publicadas no jornal Folha de São Paulo para abordar a Copa das Confederações e os protestos ocorridos nas ruas durante a realização do torneio no Brasil, que transformam a mediação jornalística?

Para tanto, fazemos uma breve digressão sobre os conceitos de midiatização, enunciação e mediação, a fim de que compreendamos como os mesmos aparecem no contexto do material discursivo em análise.

2 Mdiatização, enunciação e mediação

A sociedade em midiatização é um ambiente novo, vai além dos dispositivos tecnológicos e constitui o caldo cultural onde os diversos processos sociais acontecem. Ela é uma ambiência desenhada ora na comunhão, ora na distensão dos diversos interesses envolvidos, um novo modo de ser no mundo, que caracteriza a sociedade atual. Gomes (2006) destaca que comunicação e sociedade, imbricadas na produção de sentido, articulam-se nesse caldo de cultura que é resultado da emergência e do extremo desenvolvimento tecnológico. Mais do que um estágio na evolução, ele é um salto qualitativo que estabelece o totalmente novo na sociedade. As colunas de Tostão e Juca Kfourri foram afetadas pelo que ocorreu nas ruas, ou seja, as manifestações foram trazidas para os textos e apresentadas aos leitores.

A midiatização resulta da evolução de processos midiáticos que se instauram nas sociedades industriais, tema eleito em reflexões analíticas de autores feitas nas últimas décadas e que chamam atenção para os modos de estruturação e funcionamento dos meios nas dinâmicas sociais e simbólicas (FAUSTO NETO, 2008). A midiatização não ocorre só quando se produz ou recebe uma informação. Os colunistas agendaram tematicamente o debate, mesmo com estilos e enunciações diferentes. Cabe aos leitores interpretarem o que foi dito por Tostão e Kfourri e tomarem posição diante do exposto nas colunas. Quando comentamos ou interpretamos algo, também estamos em processo de midiatização, agindo com e sobre ela. Quando o leitor lê uma coluna esportiva, isso também ocorre, porque uma interpretação do texto é feita.

Conforme Porto (2010), “a enunciação é uma ferramenta linguística e social que se parece com a caixa de marchas de um carro. Através do ato de embreagem, buscam-se as marchas de que o carro precisa para se locomover.” Alguém, no caso os colunistas Tostão e Juca Kfourri, diz algo para quem com intenções e em determinadas circunstâncias. Porto (2010) acrescenta que “o trato enunciativo é parte íntegra daquilo que fazemos profissionalmente”. Os colunistas buscam dar sentido nos seus textos, como numa “embreagem linguística”. Nesta operação, enunciados e sujeitos são partes essenciais.

As marcas enunciativas de Tostão e Kfourri, por meio da mediação de ambos, ligam a sociedade, o fato esportivo e o acontecimento, extrapolando a fronteira dos

campos sociais. Os colunistas estão entre o acontecimento e o leitor, bem como operam uma enunciação singular neste processo, com marcas próprias. Entendendo a comunicação como práticas sociais, Martín-Barbero (1987) utiliza o conceito de mediação como a categoria que liga a comunicação à cultura. Assim, a mediação é o lugar que está entre a produção (colunistas) e a recepção (leitores), onde há um espaço em que a cultura cotidiana se concretiza (as colunas).

3 Colunas esportivas

Podemos definir coluna como um elemento dispositivo da superfície topográfica de jornal. Integra o gênero opinativo no jornalismo, tem cunho mais analista, pessoal, e se diferencia de outros espaços, como a reportagem, a nota, a notícia. Mouillaud (2012, p. 45) afirma que “o jornalista mantém um pacto implícito com o leitor, cuja finalidade é o ‘fazer crer’;[...] seja pelo recurso a um argumento de autoridade, que se fundamenta na credibilidade do enunciador e na credulidade do leitor”.

De modo geral, os colunistas têm perfil de enunciadores institucionais. As colunas esportivas nos jornais brasileiros são ocupadas, principalmente, por jornalistas especializados na área, ex-atletas e outros profissionais ligados aos assuntos esportivos. Invariavelmente, as características temáticas dos enunciados tratados ficam no jogo em si, na atuação das equipes, nos destaque individuais, no trabalho dos técnicos, enfim, não extrapolam o campo de disputa. Nestes espaços, os colunistas destacam assuntos históricos e/ou factuais e apresentam os seus pontos de vista com relação aos temas abordados.

Os colunistas são vistos como celebridades e desfrutam de prestígio e notoriedade. Conhecem muitas fontes e, na relação com elas, conseguem trabalhar com a antecipação de alguns fatos. Conforme Melo (2003, p. 140), a “coluna tem como espaço privilegiado os bastidores da notícia, descobrindo fatos que estão por acontecer, pinçando opiniões que ainda não se expressam, ou exercendo um trabalho sutil de orientação da opinião pública”.

As colunas tematizam e constroem agenda. A partir do pensamento formado pelo colunista, a coluna serve de referência para oferecer ao leitor a potencialidade de o mesmo tomar posição sobre o tema abordado. “[...] a explicação íntima desses fatos, o

dato que faltou ao grande noticiário e que não chegou ao conhecimento do público, o lado pitoresco do acontecimento, o detalhe curioso, a história particular de cada decisão” (AMARAL, 1982, p. 155). Através dos seus modos de dizer e interpretar os fatos, o colunista estabelece sentidos para uma midiatização esportiva própria. A coluna aparece como dispositivo de produção de sentidos, algo feito pelo trabalho da enunciação.

As colunas formam a ambiência à midiatização jornalística e fornecem elementos dos bastidores que emergem muito antes de o próprio ato desenvolver protagonismos na encenação. Neste contexto, é possível destacar as colunas como espaço de busca e troca de interesses comuns. Elas também agem na elaboração de sentidos e na preparação de uma conjuntura social para o estabelecimento das funcionalidades necessárias ao equilíbrio de uma dada ambiência.

4 Caminhos metodológicos

Fazemos a escolha de um corpus – colunas esportivas escritas por Tostão e Juca Kfourri no jornal Folha de São Paulo - associado a um tema – os protestos nas ruas durante a Copa das Confederações 2013, no Brasil - em torno do qual gera um acontecimento que afeta a midiatização esportiva.

Para efeitos de análise, levamos em conta o período de disputa da Copa das Confederações de Futebol, realizada no Brasil, de 15 a 30 de junho de 2013. Das 16 colunas escritas por Tostão e Juca Kfourri e publicadas no jornal Folha de São Paulo no referido período, selecionamos seis de cada colunista com ênfase nos protestos de rua contra os gastos para sediar a Copa do Mundo de 2014. Para o estudo, servem de referência as colunas escritas por Tostão e publicadas nos dias 15, 17, 19, 20, 22 e 29 de junho de 2013 na folha de São Paulo. As colunas de Juca Kfourri analisadas foram aquelas publicadas nos dias 16, 18, 19, 21, 23 e 24 de junho de 2013.

Partimos de uma descrição denotativa dos principais pontos trazidos nas 12 colunas selecionadas (seis de cada colunista) sobre os protestos feitos pelos manifestantes. Após, buscamos identificar as marcas enunciativas usadas por Tostão e Juca Kfourri nas colunas redigidas por ambos. Para tanto, apresentamos três questões sobre os materiais:

- Como os colunistas estudados, para além do seu trabalho de informação sobre o universo esportivo, operam como mediadores no processo de conscientização social dos leitores, ao ampliar a discursividade de suas colunas para as questões de manifestações nas ruas?

- Qual a mecânica da singularidade discursiva dos dois colunistas, em termos de enunciação?

- Como os colunistas operam a construção discursiva sobre as manifestações no âmbito das colunas?

5 Tostão e as vozes das ruas

Na coluna do dia 15 de junho de 2013, intitulada **“Estreia no Elefantão”**, numa alusão ao Estádio Mané Garrincha, construído em Brasília para a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e que custou mais de um bilhão de reais, três trechos escritos por Tostão abordam a participação da torcida. **“Existe uma preocupação do governo, da CBF e da comissão técnica, de criar fortes laços afetivos com o torcedor. Querem fazer, na Copa das Confederações, um ambiente de Mundial. Milhares de propagandas patrióticas estão em todos os lugares. Porém, existe uma resistência ao poder da Fifa, a Marin e à CBF. Escuto também, todos os dias, que há dinheiro para a Copa, mas não há para resolver os problemas sociais. O atual torcedor da seleção é parecido com o que vai frequentar os novos estádios, após a Copa. Pagou caro pelos ingressos. Ele vai ao jogo para se distrair e ver um espetáculo, como no teatro. Se for bom, aplaude. Se for ruim, protesta. Existe até um manual de conduta, feito pela Fifa. Resumindo, querem um torcedor tranquilo, respeitador, racional, altruísta, patriota, politicamente correto, ou seja, um santo. Será que pedem também aplausos para Marin e para a CBF?”** O enunciador demonstra o poder de opinar e de interpelar, marca forte de um colunista atento aos fatos colocados.

Na coluna do dia 17 de junho de 2013, sob o título **“Chute no traseiro”**, Tostão volta a falar no custo elevado dos estádios e abordou algumas questões sociais e políticas do país e as manifestações contra os gastos da Copa do Mundo. **“A construção de estádios belíssimos, modernos e caríssimos, sendo que alguns deles se transformarão em elefantes brancos, como o de Brasília, com custo de R\$ 1,2**

bilhão, me lembram dos enormes estádios, maiores que os atuais, feitos pela ditadura. Eram também bonitos e caros, para a época. Atuei na inauguração do estádio de Erechim, no Rio Grande do Sul, onde havia mais lugares no estádio do que moradores na cidade. Felizmente, vivemos na democracia. Mas a megalomania e a politicagem são as mesmas. Não há razão para 12 novos estádios. Empresários perceberam que vários dos muitos hotéis que estão sendo construídos em Belo Horizonte podem se tornar também elefantes brancos.[...] As manifestações contra os gastos da Copa e contra a falta de soluções para os graves problemas sociais são bem-vindas e legítimas, desde que sejam sem violência, dos dois lados. Tiro de bala de borracha pode matar.” Com argumentos simples e comparações do passado com o presente, o enunciador mantém o poder de opinar e se posicionar diante da situação.

Na terceira coluna selecionada, de 19 de junho de 2013, com o título **“Jeitos diferentes de jogar”**, Tostão salienta a questão tática da seleção brasileira na Copa das Confederações. Porém, abre a coluna comparando o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil, do Japão e do México, adversários na competição. **“Uma jovem, participante dos protestos, disse que trocaria a vitória, no primeiro jogo, pelo sistema educacional do Japão. Eu também. Enquanto o Japão está no 12º lugar no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), o Brasil ocupa a 84ª posição. O México, rival de hoje, tido como um país muito parecido com o nosso, está na 57ª.”** Tostão adota uma enunciação didática e apoia-se na palavra de uma outra pessoa, no caso o jovem, para construir seu ponto de vista.

Com o título **“Neymar, espetacular”**, Tostão escreveu a coluna do dia 20 de junho de 2013. Outra vez, no começo do texto, o colunista fala das manifestações de rua e critica os mandatários da CBF e da Fifa, e os governantes. **“Depois que perceberam a importância e a legitimidade das manifestações, até a CBF, a Fifa, Marin, Marco Polo Del Nero, governantes, amigos e parceiros do poder e corruptos, de todos os tipos, passaram a ser a favor dos protestos. Só falta irem a passeatas e chorarem, enrolados na bandeira brasileira.”** O enunciador utiliza-se da ironia e provocação, no modo de opinar.

O título **“O Mundial corre perigo”** estampa a coluna do dia 22 de junho de 2013. Do material selecionado, é aquele que mais enfatiza o tema das manifestações. **“Havia, antes da partida, um grande temor de que as bem-vindas manifestações,**

fora do estádio e em todo o país, passassem para as arquibancadas, por meio de hostilidade ao time brasileiro. Não foi o que ocorreu. Pelo contrário. Os torcedores separaram a seleção do contexto. Mais que isso, sentiram-se orgulhosos em torcer para o Brasil. Há também uma contradição em tudo isso, de ter protesto, fora, e festa, dentro do estádio. Uma das críticas das manifestações são os absurdos gastos com os novos estádios, frequentados por torcedores que dizem apoiar os protestos. Não há mais lugar também para as fanfests, nas principais praças das cidades, organizadas pela Fifa e parceiros. Hoje, é outro dia. Não sei o que vai acontecer, dentro e fora do estádio. Provavelmente, o torcedor da Bahia vai apoiar a seleção, ainda mais se o time jogar bem. Mas não será surpresa se os protestos chegarem dentro dos estádios. A situação é grave. A Copa do Mundo corre perigo. Quando não há violência, é emocionante ver as manifestações com pessoas de todas as idades. Espero que os protestos sirvam também de estímulo para que os indignados com as misérias sociais e com os absurdos gastos da Copa se tornem, cada vez mais, cidadãos conscientes, mesmo quando silenciosos. Isso é muito mais importante que atitudes exibicionistas e marqueteiras, para mostrar que é engajado. Por ser contra os gastos excessivos e não prioritários do governo e ter total independência em minhas opiniões, recusei o prêmio de R\$ 100 mil aos campeões das Copas de 1958, 1962 e 1970.” O enunciador tem opiniões contundentes, faz comparações e mostra forte poder didático para defender o seu ponto de vista.

Na coluna de 29 de junho de 2013, a última das seis selecionadas, sob o título “**Não é o jogo do século**”, Tostão aborda a decisão da Copa das Confederações entre Brasil e Espanha. Entretanto, a temática das manifestações de rua segue com espaço no texto. “**A Fifa nunca imaginaria tudo o que está acontecendo no "país do futebol". Ela achava que os brasileiros eram alienados. A Fifa está tensa e preocupada com a possibilidade de os protestos continuarem até o Mundial e se tornarem mais seletivos, contra os enormes gastos públicos para a Copa. Se isso ocorrer, o Mundial corre riscos.**” Diante da situação atual exposta, o enunciador tem o poder de avaliar o outro, no caso a Fifa, e projeta o futuro.

6 Juca Kfourri e as vozes das ruas

Sob o título **“Os japoneses ainda existem”**, a coluna escrita por Juca Kfourri e publicada no dia 16 de junho de 2013 no jornal Folha de São Paulo enfatiza questões políticas, sociais e econômicas da Copa das Confederações, tendo o torcedor como protagonista. O discurso meramente esportivo fica em segundo plano. As vaias a presidente Dilma Rousseff, vindas “da plateia”, “dos brancos” e “da elite” que pagaram caro para assistir ao jogo entre Brasil e Japão, na “obra faraônica” do Estádio Mané Garrincha, em Brasília, ganham destaque no texto. **“Dilma Rousseff não deve ter entendido nada. Nem do jogo que se anunciava difícil e foi fácil nem das vaias, embora possa dizer que tenham vindo da plateia, não da torcida, mas dos brancos, da elite que pagou caro para ver a abertura da Copa das Confederações. Só que a patuleia, inverso da plateia, só não vaiou também porque estava fora do palco, ocupada em cuidar das feridas causadas pelas bombas com que foi contemplada no lado externo do estádio. Que é uma obra faraônica, despropositada numa cidade sem futebol, tão absurda que talvez deva mesmo não ter o nome de Mané Garrincha, mas ficar como Estádio Nacional, a cara do Brasil do desperdício, da escolha caolha de prioridades, da corrupção do superfaturamento, essas coisas nossas. Porque a abertura da Copa das Confederações foi um exemplo gritante de reversão de expectativas. Frustrou como festa e organização fora do gramado e surpreendeu favoravelmente dentro.”** O enunciador mostra consciência social e reflexiva, bem como realça o poder analítico de colunista.

Na coluna de 18 de junho de 2013, com o título **“As voltas que a bola dá”**, Juca Kfourri abre espaço para elogiar a garra da modesta seleção do Taiti contra a Nigéria, mas os protestos fora do Estádio Mineirão, em Belo Horizonte, novamente alimentam o discurso do colunista. **“Delicioso ver o Mineirão, com tanta gente dentro quanto fora dele, os que protestavam, nas ruas, contra a ganância da Copa, quando Jonathan Tehau fez o gol literalmente oceânico e saiu remando com seus companheiros para comemorar. [...] Mas o Taiti certamente não é aqui. O que diriam os polinésios franceses se cerca de 11% de sua população fosse às ruas protestar em franco desafio à estapafúrdia decisão da Justiça mineira que proibira manifestações em toda Minas Gerais em dias de jogos? Diriam que para evitar o**

ridículo que não fariam igual, porque agora mais de 20 mil ativistas têm contas a ajustar com a Justiça.

No dia 19 de junho de 2013, na coluna intitulada “A Copa das manifestações”, Juca Kfourri não poupa críticas aos políticos e dirigentes do futebol internacional e nacional que tentavam minimizar a onda de protestos durante a Copa das Confederações no Brasil. O presidente da Fifa, Joseph Blatter, o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, o presidente da Federação Paulista de Futebol (FPF), Marco Polo Del Nero, o ministro da Educação, Aloizio Mercadante, o ex-presidente da Fifa, João Havelange, e os ex-presidentes da Argentina, Jorge Videla, e do Brasil, Emilio Garrastazu Médici, são citados pelo colunista. O discurso esportivo é atravessado pelas questões políticas e econômicas, já que a patuleia (povo) cansou de pagar a conta e decidiu cobrar dos mandatários da política e do futebol. **“Políticos e cartolas tentam minimizar as manifestações pelo país fora. Joseph Blatter diz que o futebol superará os protestos. Geraldo Alckmin descobriu a pólvora ao ver fundo político nas passeatas. Marco Polo Del Nero declarou que os atos são coisa de quem não tem o que fazer e endossou a opinião de Blatter: ambos veem oportunismo nos que surfam sobre as atenções que o futebol desperta. Queriam o quê? Que não se aproveitasse o momento em que o mundo está olhando para cá? Brincam com fogo. Já Aloizio Mercadante repele que se misture política e futebol, mesma falácia de João Havelange, o que lhe permitia conviver alegremente com Videlas e Médicis da vida. O presidente da Fifa está tão iludido como quando pediu fair-play para evitar as vaias que ele e Dilma Rousseff receberam. O governador de São Paulo, que se supunha político, repele a prática e, talvez, passe a se dedicar à medicina. O presidente da FPF que não viu excessos na ação da PM e quer que as pessoas gritem Brasil, parece que além de cego está surdo, porque o que mais se ouviu foi o grito de Brasil nas ruas. Além disso não se dá conta de como representa muito do que causa a indignação dos ativistas, no faraônico prédio da federação, vampira dos recursos do futebol. Já o ministro da Educação, cuja maior contribuição para a língua portuguesa foi desmoralizar o significado da palavra irrevogável, aloprou novamente, ao tentar dissociar o indissociável. O fato é que o povo se encheu e a gota d’água apareceu também na suntuosidade de estádios pagos com o seu dinheiro, dinheiro que a cartolagem e os políticos, além das empreiteiras, querem**

só para superfaturar. Mas querem que a patuleia pague e cale. Quando o povo grita para diminuir a tarifa e mandar a conta para a Fifa ou que Copa não, mas saúde e educação, está sendo o mais claro possível. Tão claro que a seleção brasileira não está sendo confundida nem com os políticos, nem com os cartolas, nem com os empreiteiros, a exemplo do que aconteceu com a seleção tricampeã mundial em 70, quando o país soube distinguir o time da ditadura. A superestrutura o futebol brasileiro faz parte da miséria nacional. Quem está nas ruas também gosta de futebol e sabe o quanto tudo poderia ser melhor. Que ninguém perca por esperar, pois a hora da cartolagem está prestes a chegar. E, que raro, Hulk e David Luiz apoiam as manifestações.”

O título da coluna do dia 21 de junho de 2013 foi “Ser ou não ser”. Nela, Juca Kfoury cita José Trajano, o colega de imprensa esportiva, ao dizer que odiava ser mal entendido. “Odeio ser mal entendido, costuma dizer o caro Trajano. Somos dois, embora seja o que mais acontece devido ao analfabetismo funcional que nos assola por falta de escolas de padrão Fifa. Melhor que o começo da apresentação --e se realizada uma vez pode se repetir a boa notícia que o gramado nos deu anteontem--, foi a torcida dizendo em brados, à capela, que o Brasil é nosso. A voz do estádio somou-se à voz das ruas, e erra quem supõe que no gesto não havia solidariedade aos que estavam do lado de fora. Não confundir a seleção com as misérias do país, ou com a CBF, é tão saudável como não ver o futebol como alienante. O povo não confundiu o tri de 1970 com a ditadura e não atribuiu a derrota de 2010 à democracia.” Kfoury lembra do analfabetismo funcional de boa parcela da população brasileira, que não tem “escolas de padrão Fifa”, e diz ser importante não confundir a seleção brasileira de futebol com as misérias do país, ou com a CBF. Muito menos ver o futebol como alienante. O discurso esportivo serve como fundo para ilustrar as mazelas políticas, sociais e econômicas do país enfrentadas pela população mais humilde.

Postura semelhante tem Juca Kfoury na coluna do dia 23 de junho de 2013. Com o título “Belo horizonte”, o colunista joga com o nome da capital mineira sem o “H” maiúsculo para prever um futuro melhor à seleção e ao povo brasileiro. “Entre outras razões porque a torcida está sabendo separar a seleção do que a preocupa pela falta de representatividade, pelo excesso de corrupção, e pela ausência de educação, saúde e locomoção de padrão Fifa. Chegaremos lá, ao que tudo indica.

Porque temos de novo um time e um povo disposto a não dormir mais em berço esplêndido.” O discurso por conquistas sociais impera no texto esportivo.

O inverso ocorre na coluna publicada no dia 24 de junho de 2013. Sob o título **“Reforma já no futebol!”**, Juca Kfourri parte de questões políticas, como a reforma política, a ideia de uma mini-Constituinte e a mudança na legislação eleitoral, para criticar aqueles que usam o futebol, leia-se a CBF, dirigentes de federações e a bancada da bola no Congresso Nacional, para ganhar dinheiro e enriquecer às custas do povo menos favorecido economicamente. O colunista deixa evidente que as manifestações do povo brasileiro nas ruas são justas e buscam uma condição de vida melhor em todas as áreas. **“Se Dilma Rousseff é uma presidente democrática e legalmente eleita, quem manda no futebol não é. Convivemos há anos com a excrecência da tal bancada da bola no Congresso, um time de pilantras que a CBF alimentou nas campanhas eleitorais. Gente que contraria abertamente os desejos da torcida e que se reelege sistematicamente porque as regras eleitorais são como são. Precisou que mais de 1 milhão de cidadãos fossem às ruas para que a reforma política ganhasse a urgência que merece desde a redemocratização. Não serão os pilantras que a farão por mais que agora temam perder, além dos anéis, os dedos. Por isso é rica a ideia de uma mini-Constituinte para tratar dela imediatamente, assim como é rico o que propõe o mesmo grupo que articulou a Lei da Ficha Limpa, que sugere uma nova campanha para colher 1, 5 milhão de assinaturas que redundem na mudança da legislação eleitoral já para o ano que vem. O impacto também no futebol será inevitável. Nunca mais teremos de conviver com cartolas biônicas como o atual presidente da CBF e do COL. Nem com o que preside a FPF e caititua com 26 cartolas como ele, os das capitânicas hereditárias estaduais, sua eleição para reinar na CBF. Este, lembremos, no primeiro dia de protestos, disse que os brasileiros deveriam curtir a seleção e gritar Brasil. Agora, como tantos, está feito avestruz. Feito avestruz como são feitos os conchavos e financiamentos de campanhas eleitorais neste país, sem transparência, sem decência, o que permite que os presidentes do Senado e da Câmara sejam o que são. Sem que se possa dizer que careçam de legalidade, apenas de legitimidade. Liquidar os partidos é coisa de fascista, já foi exaustivamente dito. Implodir o sistema que os criou deformados não. Dizem que ninguém sabe o que as ruas querem e estão dizendo. Não é bem**

assim. As ruas querem e estão dizendo que querem tudo. Do bom e do melhor, em todas as áreas. E podem e têm todo o direito de querer e dizer. Resta saber fazer. Mãos à obra!”

7 Conclusões

As marcas enunciativas dos colunistas Tostão e Juca Kfourri, em tempos de Copa das Confederações e protestos nas ruas, nos textos publicados no jornal Folha de São Paulo, apontam para um modo de enunciar a Copa do Mundo de Futebol de 2014 mais reflexivo e com consciência social. Trata-se de um ritual analítico, discursivo, gramático e linguístico distinto aos modos correntes como trabalha a maioria do colunismo esportivo brasileiro. A enunciação dos colunistas oferece aos leitores um olhar diferenciado para reflexão sobre os fatos, indo além da esfera jornalística esportivo.

As narrativas de Juca Kfourri e Tostão implicam atravessamentos de várias práticas sociais, como a jornalística, a esportiva, a política, a econômica, entre outras. Os indicadores trazidos por Juca e Tostão geram sentidos diferentes, indo além do mero relato do acontecimento esportivo. Juca estabelece sua notoriedade na base jornalística voltada ao desenvolvimento esportivo com perspectivas futebolísticas, mas com consciência social. Por esse motivo, ele ocupa um espaço diferenciado na discussão e na enunciação dos assuntos que envolvem o mundo do futebol, com postura de militante e questionador.

Já as perspectivas de notoriedade nos textos de Tostão são voltadas inicialmente ao mundo esportivo, tanto as mazelas como as práticas positivas, e advêm de referências forjadas no mundo do jogo, da bola, dos dirigentes, dos acordos, etc., o que diferencia o seu olhar sobre o futebol em si. É um texto mais analítico, escrito na linha da literatura.

A singularidade do trabalho das duas colunas está na construção de um outro modo de ser da midiatização do jornalismo esportivo no Brasil. Tostão e Kfourri convertem as colunas naquilo que eles são e defendem, como cidadãos e profissionais, sem esquecer a relação com outras práticas sociais, como a jornalística, a esportiva, a política, a econômica etc. Trata-se um novo modelo de mediação, no campo esportivo,

na medida em que ambos produzem um jornalismo mais reflexivo via as colunas esportivas publicadas no jornal Folha de São Paulo.

A coluna jornalística é um espaço singular, é recortado, tem autoria, regularidade, temática, regras e enunciação próprias. É um espaço de mediação associado a práticas que se estruturam e se desenvolvem a partir de operações de sentido engendradas no âmbito enunciativo da cultura midiática. Consideramos que as marcas enunciativas no espaço das colunas jornalísticas esportivas de Tostão e Kfourri, sob a cobertura da Copa do Mundo de Futebol de 2014 no Brasil, evidenciam uma nova produção discursiva e, no caso, isso ocorre por meio de uma analítica da midiatização do acontecimento esportivo.

Referências

- AMARAL, L. **Jornalismo: matéria de primeira página**. Fortaleza: Tempo Brasileiro, 1982.
- FAUSTO NETO, Antonio. **Fragments de uma analítica da midiatização**. In: Matrizes, n. 2, abril 2008.
- GOMES, Pedro Gilberto. **A Filosofia e a ética da comunicação na midiatização da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones*. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.
- MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MOULLIAUD, Maurice. **O jornal: da forma ao sentido**. Sérgio Dayrell Porto (org). 3. ed. rev. ampl. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.
- PORTO, Sérgio Dayrell. **Análise de discurso: o caminho das seis leituras interpretativas em massa folhada**. Brasília: Casa das Musas, 2010.

Documentos eletrônicos online

- FOLHA DE SÃO PAULO. Tostão. **Estreia no Elefantão**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2013/06/1295663-estreia-no-elefantao.shtml>>. Acesso em 13 ago. 2013.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Tostão. **Chute no traseiro**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2013/06/1296243-chute-no-traseiro.shtml>>. Acesso em 13 ago. 2013.

- FOLHA DE SÃO PAULO. Tostão. **Jeitos diferentes de jogar.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2013/06/1297360-jeitos-diferentes-de-jogar.shtml>>. Acesso em 13 ago. 2013.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Tostão. **Neymar, espetacular.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2013/06/1298054-neymar-espetacular.shtml>>. Acesso em 13 ago. 2013.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Tostão. **O Mundial corre perigo.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2013/06/1299427-o-mundial-corre-perigo.shtml>>. Acesso em 13 ago. 2013.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Tostão. **Não é o jogo do século.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2013/06/1303313-nao-e-o-jogo-do-seculo.shtml>>. Acesso em 13 ago. 2013.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Juca Kfourri. **Os japoneses ainda existem.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfourri/2013/06/1295930-os-japoneses-ainda-existem.shtml>>. Acesso em 10 ago. 2013.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Juca Kfourri. **As voltas que a bola dá.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfourri/2013/06/1296818-as-voltas-que-a-bola-da.shtml>>. Acesso em 10 ago. 2013.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Juca Kfourri. **A Copa das manifestações.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfourri/2013/06/1297377-a-copa-das-manifestacoes.shtml>>. Acesso em 10 ago. 2013.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Juca Kfourri. **Ser ou não ser.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfourri/2013/06/1298676-ser-ou-nao-ser.shtml>>. Acesso em 10 ago. 2013.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Juca Kfourri. **Belo horizonte.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfourri/2013/06/1299903-belo-horizonte.shtml>>. Acesso em 10 ago. 2013.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Juca Kfourri. **Reforma do futebol já!** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfourri/2013/06/1300190-reforma-do-futebol-ja.shtml>>. Acesso em 10 ago. 2013.